

## Museologia Sapatão: uma proposta comunitária expositiva

### Sapatão Museology: an exhibition community proposal

Victoria Lobo Fernandes<sup>1</sup>

DOI 10.26512/museologia.v1i121.41710

#### Resumo

A partir de uma reflexão sobre o lugar das *sapatonas* no campo da Museologia, este artigo procura problematizar meios pelos quais se possa superar a ausência de tais identidades lésbicas. Busca, assim, discutir a memória afirmativa *sapatônica* por meio da concepção de uma exposição digital intitulada *Museologia Sapatão*. Trata-se de uma estratégia para difundir a visibilidade das mulheres inseridas na comunidade, nossas lutas e nossas conquistas, nossos dramas e nossas glórias diárias — enfim, meios para integrar nossas memórias.

#### Palavras-chave

museologia LGBT; museus; exposição; memórias; lésbicas; sapatonas; sapatão.

#### Abstract

From a reflection on the place of *sapatonas* in the field of Museology, this article seeks to discuss ways in which the absence of such a lesbian identity can be overcome. It seeks, therefore, to express the absence and the *sapatão* affirmation through the conception of a digital exhibition entitled *Museology Sapatão*. It is a strategy to spread the visibility of women inserted in the community, our struggles and our achievements, our dramas and our daily glories — In short, it means to integrate our memories.

#### Keywords

LGBT museology; museums; exhibition; memories; lesbians; sapatonas; sapatão.

Este trabalho possui o interesse de que sapatonas como eu conquistemos visibilidade nos museus e na Museologia. A sede de pertencermos aos lugares, às memórias e ao patrimônio não cabia mais em mim, então este estudo precisou sair, precisou ser escrito e necessita ser falado, mostrado e discutido. Em um primeiro momento, foi minha monografia (LOBO, 2021), em seguida uma exposição, para agora se tornar este artigo.

Tenho basicamente procurado demonstrar que princípios da *Museologia Comunitária*<sup>2</sup> oferecem meios eficazes para se difundir a visibilidade das mulheres inseridas na comunidade LGBT. Nossas lutas e nossas conquistas, nossos dramas e nossas glórias diárias, aí encontram arcabouço. Traçando as linhas da marginalização das lésbicas, esse grupo social, que é silenciado não somente por fazer parte de uma minoria homossexual, mas por ser um grupo exclusivamente de mulheres, onde somos excluídas e invisibilizadas até mesmo dentro da comunidade LGBT. Afinal, mesmo sendo um grupo de minorias, ainda assim é composto também por homens, nascidos e construídos em um mundo patriarcal com costumes machistas e de superioridade de gênero.

<sup>1</sup> Vicky Lôbo, 25 anos, multiartista, produtora cênica, museóloga, pesquisadora em Museologia e patrimônio LGBT e Museologia Sapatão.

<sup>2</sup> Museologia comunitária, tem uma função social latente. É, em suma, a Museologia feita a partir da autonomia da própria comunidade.

Por esse motivo, nós mulheres e lésbicas não temos a mesma visibilidade dos homens *gays* brancos, burgueses e oriundos de grandes centros urbanos. Como bem demonstra Boita (2020: 56-70), um mapeamento global demonstra que existe apenas um museu no mundo dedicado à memória lésbica, o *Charlotte Museum Trust*, localizado em Auckland, Nova Zelândia. E mesmo esse, possui, evidentemente, um discurso muito distante de nós mulheres lésbicas latinas. Por cá, de fato, a quantidade de espaços museais, exposições, debates, eventos e ações destinadas às mulheres lésbicas é tão mínima, quando não inexistente, que se configura em um absurdo lesbofóbico declarado.

A proposta de uma Museologia Sapatão nasceu quando ecoou a primeira vez em minha ‘cabeça em um protesto. Dia primeiro de julho de 2016, a Praça Cívica, no centro de Goiânia estava tomada por mulheres em protesto após a trágica notícia<sup>3</sup> de mais uma vítima da cultura do estupro. A menina que foi abusada sexualmente por 33 homens que filmaram o estupro e publicaram na internet foi mais uma vítima, mais uma de nós, ferida, atacada e morta. Toda lésbica sabe que este é um risco iminente em sua vida, uma vez que a noção de estupro corretivo<sup>4</sup>, conforme denominação cínica, é difundida no país. Uma multidão de mulheres estava unida ali, se abraçando, se apoiando e consolando de mais uma perda. Foi quando uma mulher lésbica soltou um grito no microfone que foi repetido em uníssono pela comunidade LGBT presente no manifesto, em sua grande maioria, mulheres: “As *gay*, as *bi*, as *trans*, as *sapatão*, estão todas reunidas pra fazer revolução!”.

Essa foi a primeira vez que me senti abraçada pela comunidade. Essa revolução que queremos tanto, gritamos, e lutamos por ela, é a mesma revolução silenciada, oprimida e rechaçada por tantos outros. Com a calma dos dias seguintes a manifestação e depois de me sentir tão acolhida, pensei e repensei por horas sobre o grito de guerra. Estamos mesmo todas reunidas para uma revolução. Mas estamos todos? E o os outros?

O processo de escrever este trabalho não foi fácil ou simples. Comecei a escrevê-lo em 2016 e agora, em 2021 ainda escrevo e reescrevo. Em meio a uma pandemia – o COVID-19 – em casa com a minha esposa, paramos para enxergar o mundo ao nosso redor e levantar questões que são extremamente necessárias para nós, dentro da sociedade. Este tempo de análise, pesquisa, estudo, mexeu e mexe todas as vezes com uma dor diária, da invisibilidade, a dor da superioridade de gênero impostas a nós desde que nascemos, por isso é tão difícil escrever, criar, por isso é tão difícil terminar, não tem fim. Assim como fala Audre Lorde:

Podemos aprender a trabalhar e a falar apesar do medo, da mesma maneira que aprendemos a trabalhar e a falar apesar de cansadas. Fomos educadas para respeitar mais ao medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar. O fato de estarmos aqui e que eu esteja dizendo essas palavras, já é uma tentativa de quebrar o silêncio e estender uma ponte sobre nossas diferenças, porque não são as diferenças que nos imobilizam, mas o silêncio. E restam tantos silêncios para romper! (LORDE, 1977).

3 Uma das fontes para mais informações sobre o caso, <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>

4 Estupro corretivo se trata de crime qualificado, recentemente previsto em lei, com aumento de pena a partir da Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018.

Museologia Sapatão:  
uma proposta comunitária expositiva

Mas apesar dessa dor eu não poderia deixar de falar sobre a minha luta como mulher lésbica no mundo e como no decorrer do curso de Museologia eu pude ver o quanto as comunidades podem entrar em processos de visibilidade e entendimento quando são comunicadas através do apoio da musealização. Durante essa trajetória no curso, nos eventos da Museologia, na realização da exposição *Transas no Ser-tão* construída na disciplina de expografia ministrada professor Tony Boita, ficou fácil perceber que de “micro-ações individuais e coletivas podem emergir reflexões políticas” (ESCOBAR, 2021: 17). Assim, de fato, tem demonstrado a Museologia LGBT: participativa, feita a partir do pronome nós, interseccional, conectada às Políticas Públicas e própria à realidade da América Latina (BAPTISTA, BOITA, 2014; BAPTISTA, BOITA, WICHERS, 2020). É deste ponto onde é possível compreender a viabilidade de uma Museologia Sapatão interseccional, comprometida com a segurança das mulheres lésbicas e sua inserção no debate patrimonial e museológico a partir de nossas autorias e demandas. Afinal, como bem apontam CASTRO, PADILHA e LADEIA (2021), “desconstruir os museus - e a Museologia - como espaços hegemônicos detentor de discursos sacralizantes é necessário e urgente, bem como articular os aparelhos culturais para a promoção da dignidade humana”.

### Museologia Sapatão

Atualmente, vemos mulheres que atuam na Museologia fazendo um trabalho muito importante sobre as discussões de gênero, sexualidade e feminismo (GODINHO, 2014: 36; AUDEBERT, QUEIROZ, 2017; WICHERS, 2018; AUDEBERT, 2020; LIMA, 2020; ESCOBAR, 2021; CASTRO, PADILHA e LADEIA 2021;), entre outras. Essas discussões nascem a partir de um movimento das mulheres no campo museológico, preocupadas com a visibilidade e equidade de gênero, tanto fora quanto dentro da museologia.

Os resultados dessas articulações femininas podem ser vistas em diversos campos da Museologia. A presença feminina na Rede LGBT de Memória e Museologia Social, no Seminário Museus, Memória e Museologia LGBT, na Revista Memória LGBT e na participação em dossiês e grupos de trabalho sobre gênero e sexualidade do Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus), por exemplo, atestam este avanço. E, certamente, ainda há muito o que se conquistar.

Pensar em uma Museologia Sapatão é acreditar em uma Museologia produzida a partir de nós mulheres lésbicas, para que possamos ter nossa voz, se apropriar de espaços que ainda não conseguimos ocupar, fortalecer e solidificar os que já ocupamos, para que sejamos vistas e ouvidas e gerar um processo de identificação, representatividade e acolhimento.

Penso que precisamos da Museologia Sapatão para pensar a memória social das mulheres lésbicas, debater o imaginário popular, onde podemos falar da trajetória da palavra *caminhoneira*, essa que era utilizada para as mulheres que não seguiam os padrões normativos de gênero e muitas vezes para as mulheres que realizavam trabalhos que anteriormente eram ocupados exclusivamente por homens. Essas mulheres eram vistas automaticamente como mulheres pouco femininas, lésbicas, *maria macho*, *machorra* ou *maria sapatão* (como diz a marchinha extremamente lesbofóbica, tocada até hoje nos carnavais).

A palavra *caminhoneira* que foi resignificada por nós e que hoje é usada por muitas lésbicas, é uma palavra símbolo de afirmação e resistência, assim como sapatão. Precisamos diariamente combater a objetificação da mulher lésbica como símbolo sexual, cobrando das mulheres uma postura feminina es-

tipulada dentro de um estereótipo de gênero. A Museologia Sapatão é extremamente necessária para que estabeleçamos um debate social para contribuir na luta contra a lesbofobia e para servir de auxílio e apoio para as mulheres que ainda não conseguiram se assumir como mulheres lésbicas na sociedade.

Não “tem lugar” para a sapatão não feminina. Somos vistas como projetos fracassados de homem, como se a gente fosse um rascunho mal feito e incompleto de um macho. Somos empurradas pra isso na maioria das relações, em todas as esferas. Eu tô cansada de ser empurrada pra competir com homem, eu NÃO QUERO ser homem, não quero ocupar esse lugar, eu sou mulher, minha luta diária é me amar como mulher, é reconstruir minha autoestima e não ficar perambulando entre essa posição de “não-mulher” e “não-homem” EU SOU MULHER!” (MORAES, 2021)

O termo pejorativo *sapatão*<sup>5</sup> nasceu, antes mesmo, da década de 50, pautado dentro dos estereótipos de gênero, binários e heterormativos, ou seja, orientado por noções rígidas e excessivas de feminino ou muito masculino. As mulheres optavam por usar calçados masculinos, que por sua vez, eram um pouco maiores. Então esse termo nasceu como uma ofensa, um xingamento, um ataque e um desrespeito com as mulheres, independente da sua sexualidade, e depois atribuído apenas para lésbicas ou mulheres “masculinizadas”. Hoje nós mulheres sapatão usamos esse termo de forma afirmativa e política perante a sociedade e carinhosa dentro da nossa comunidade. Depois de tantos anos ouvindo essa palavra como uma ofensa, como uma forma da sociedade nos subalternizar e excluir, foi a maneira que encontramos de nos apropriarmos da nossa história e nos protegermos dos ataques diários. O termo homossexual, e até mesmo o termo lésbica, são muito limpos, muito higiênicos e nos afastam da nossa realidade e das nossas lutas diárias. *Museologia Sapatão* é uma forma de dizer ao mundo que sim, nós existimos e nós nos amamos e vamos nos proteger. Todas as nossas marias são *sapatão*!

Porque entendemos que na configuração do sistema colonial moderno de sociedade, tanto o racismo estrutural, o racismo institucional, o racismo religioso, a LGBTfobia, o capacitismo, o sexismo, entre tantas outras formas de subordinação necessitam estar sinalizadas no interior das iniciativas museológicas. (ESCOBAR, 2021)

Quando assumimos, portanto, tal postura afirmativa, do ponto de vista da Museologia acabamos propondo a salvaguarda de objetos próprios. Como por exemplo, anel de coco, velcro, sapato, sapo, labris, tesoura, caminhão, pochete, triângulo preto invertido, interligação feminina e outros símbolos com significados próprios para comunidade.

A *Museologia Sapatão* que aqui proponho é antes de tudo uma Museologia produzida por mulheres lésbicas, interseccionadas, latino-americanas, periféricas e engajadas na luta contra a lesbofobia e todas as outras fobias que tentam nos invalidar todos os dias. Mulheres, *sapatão*, *caminhoneiras*, *racha*, *fanchas*, *fufas*, *machorras*, *tora chão*, *aranhas*, *cola-velcro*, *sapatilha*, *sapatinha*, *lambe xana*, *maria-macho*, *maria sapatão*, *unha-curtinha*, *44*, *lesbiana*, *safista*, *sapata*, *sapinha*, *sapa*, *gay mulher*, *sapatonas*, *virago*, *marimacho*, *viada*, *fessureira*, *mulher-macho*, *chupa-charques*. Unidas nessa construção da valorização de uma memória e de uma vivência que é feita de luta e muita invisibilidade. Onde possamos nos colocar

5 Existem algumas teorias sobre a etimologia da palavra sapatão, essa é umas das mais reconhecidas, podemos encontrar algumas notícias sobre em: <https://tvbrasil.ebc.com.br> ou <http://www.umoutroolhar.com.br> ou <https://sapatista.com.br/sapat/>

Museologia Sapatão:

uma proposta comunitária expositiva

diante da Museologia e do mundo, como pessoas primordiais no processo de construção de nossas próprias memórias.

Nós realmente não queremos mais uma museologia engessada, que se endossa argumentos como “a museologia não tem sexo” (BAPTISTA; BOITA; WICHERS, 2020) para perpetuar uma museologia social feita por heterossexuais, machistas, burgueses, homofóbicos e supremacistas brancos. Queremos as nossas urgências sendo discutidas, e expostas pela *Museologia Sapatão*, nas diretrizes da Museologia comunitária<sup>6</sup>. Queremos que a museologia salve vidas que ainda não se aceitam e não se conhecem. Esse é o verdadeiro papel, uma Museologia feita para gente de verdade, que não nos faça invisíveis e que nos deixe respirar e gritar tudo que precisamos dizer.

A Museologia Sapatão, portanto, é pensada para problematizar nosso lugar nas Políticas Públicas, ou seja, nossas memórias relacionadas ao acesso à saúde pública, ao mercado de trabalho, à educação plena e cultura, às garantias de liberdade sexual e segurança e valorização de nossas memórias e vivências.

### Uma proposta expositiva

Centrado na proposta de uma *Museologia Sapatão*, construí uma exposição intitulada como Museologia Sapatão. Ela foi elaborada com o coletivo de amigas que compõem minha rede de afeto e foram objeto de estudo em minha monografia (LOBO, 2021). Trata-se, portanto, de uma proposta expositiva, decolonial, pensada por e para mulheres latino-americanas, a fim de promover a libertação da nossa criação e dos nossos fazeres de uma visão e promoção eurocêntrica, que não nos cabe. Estabelece um vínculo com a nossa realidade, de mulher, *sapatona*, brasileira, em toda a nossa diversidade. Procurei, com isto, confrontar a matriz colonial de poder que insiste em nos perseguir e nos tomar.

Para apresentar tais conjuntos, optei em produzir uma coleção de colagens expressivas. Neste sentido, utilizei recursos gráficos, Illustrator, Adobe photoshop, fotografia e ilustração. O fundo de cor #E1C4A1, um tom de pêssego da escala laranja de cor, foi escolhido por significar, para mim, gratidão e genuinidade, que são os meus sentimentos por todas as mulheres que foram representadas nessa colagem, visual ou simbolicamente. A imagem da flor foi escolhida como elemento norteador no processo de criação. Algumas das imagens foram retiradas de bancos de imagens gratuitos, outras foram recortes de imagens encontradas no google, uma delas foi feita com fotos minhas.

A seguir, portanto, apresento cinco das imagens *sapatônicas* produzidas para a exposição, cada qual acompanhada de sua legenda, de modo que se possa apresentar a concepção de uma forma de musealização das lesbianidades. Para que essa possível exposição possa acontecer de forma colaborativa e representativa pretendo submeter essas colagens à uma equipe de consultoras mulheres, lésbicas, artistas e garantir que seja algo que realmente abrace o maior número de mulheres *sapatonas*, a partir das críticas diversificadas dessas diferentes mulheres com as suas diferentes vivências.

---

6 A Museologia social, não necessariamente é feita por uma comunidade, mas pode ser usada como uma ferramenta, por ela. Já a Museologia comunitária trabalha com a autonomia da comunidade nos processos museológicos.

## a) Flor

A flor como elemento norteador no processo dessas colagens foi pensada no sentido de desabrochar, crescer, libertar, vencer a terra firme que sufoca. Todos olham para as fragilidades de uma flor, mas se esquecem de que se ela está ali, foi porque ela venceu o solo que a cobria antes de brotar, ela está lutando contra o vento, a chuva e o sol. Assim como nós mulheres lésbicas e brasileiras, lutamos todos os dias contra os males que nos assolam, algumas com mais força, outras com menos, algumas ainda mais atacadas que outras. Outro motivo é a semelhança com a vulva tanto visual quando significativa, muitos querem a flor, poucos se interessam em saber de onde ele vem, suas raízes e qual é a sua história. Diversas flores representando as vulvas em sua diversidade de cores, tamanhos, texturas, formatos.

Figura 1 – *Flor*, obra de fotomontagem da autora.



Fonte: acervo pessoal.

Tabela 1 - Imagens Utilizadas na Composição de *Flor*.

Imagem	Fonte
Flor rosa	Banco de Imagens WebStockReview. Disponível em: < <a href="https://webstockreview.net/explore/aesthetic-flower-png/">https://webstockreview.net/explore/aesthetic-flower-png/</a> >
Flor rosa com miolo amarelo	Banco de Imagens Gambar Bunga Indah. Disponível em: < <a href="https://bunganyindah.blogspot.com/2020/07/paling-populer-17-bunga-mawar-png.html">https://bunganyindah.blogspot.com/2020/07/paling-populer-17-bunga-mawar-png.html</a> >
Margarida branca	Blog Blumen Bilder. Disponível em: < <a href="http://blumenbilder.ml/kamille-png-freies-bild/">http://blumenbilder.ml/kamille-png-freies-bild/</a> >
Margarida rosa	Blog Kakprosto. Disponível em: < <a href="https://www.kakprosto.ru/kak-30041-kak-sdelat-ramku-v-photoshop">https://www.kakprosto.ru/kak-30041-kak-sdelat-ramku-v-photoshop</a> >
Dhalia amarela	Banco de imagens PurePNG. Disponível em: < <a href="https://purepng.com/photo/4074/nature-dahlia-flower">https://purepng.com/photo/4074/nature-dahlia-flower</a> >
Dhalia vermelha	Banco de imagens PNGAll. Disponível em: < <a href="http://www.pngall.com/dahlia-png/download/9450">http://www.pngall.com/dahlia-png/download/9450</a> >
Flor amarela	Blog Free High Resolution Graphics and Clip Art. Disponível em: < <a href="http://freehighresolutiongraphicsandclipart.blogspot.com/2009/09/flower-graphics.html">http://freehighresolutiongraphicsandclipart.blogspot.com/2009/09/flower-graphics.html</a> >
Rosa vermelha	Banco de imagens PNGimg. Disponível em: < <a href="http://pngimg.com/image/654">http://pngimg.com/image/654</a> >
Mão	Blog Tudo para Montagens. Disponível em: < <a href="https://somete-png.blogspot.com/2014/04/renders-de-maos.html">https://somete-png.blogspot.com/2014/04/renders-de-maos.html</a> >

## b. Sapato

As mulheres lésbicas começaram a ser chamadas assim como ofensa, pois vestiam roupas masculinas e na época essas roupas e sapatos só existiam em tamanho maiores, pois eram feitas apenas para homens. Portanto as lésbicas

Museologia Sapatão:

uma proposta comunitária expositiva

colocavam sapatos de números maiores que os seus pés eram chamadas de *sapatão*. Ainda hoje, muita gente usa o termo para ofender e atacar uma mulher lésbica. Mas nós nos apropriamos desse termo como uma forma de resistir e nos fortalecer. Colagem em memória à Brenda Lemos, Mc, morta em 2016 com três tiros, por lesbofobia.

Figura 3 – *Sapatão*, obra de fotomontagem da autora.



Fonte: acervo pessoal.

Tabela 3 - Imagens Utilizadas na Composição de Sapatão.

Imagem	Fonte
Garotas se beijando	Rede social Pinterest. Disponível em: < <a href="https://br.pinterest.com/awanna666/">https://br.pinterest.com/awanna666/</a> >
Cartaz Brenda Lemos	Site Movimento Sem-Terra. Disponível em: < <a href="https://mtst.org/noticias/no-dia-da-visibilidade-lesbica-monica-benicio-diz-nao-somos- apenas- numeros- so- mos- pessoas/">https://mtst.org/noticias/no-dia-da- visibilidade-lesbica-monica-benicio- diz-nao-somos- apenas- numeros- so- mos- pessoas/</a> >
Sapatos	Site de compras Mercado Livre. Disponível em: < <a href="https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-770322608-sapatenis-estilo-sapato-social">https://produto.mercadolivre.com.br/MLB- 770322608-sapatenis-estilo- sapato-social</a> >
Buracos de bala	Banco de imagens PNGimg. Disponível em: < <a href="http://pngimg.com/images/weapons/bullet_hole">http://pngimg.com/images/weapons/bullet_hole</a> >
Flor rosa	Banco de imagens WebStockReview. Disponível em: < <a href="https://webstockreview.net/explore/aesthetic-flower-png/">https://webstockreview.net/explore/aesthetic-flower-png/</a> >
Rosa vermelha	Banco de imagens PNGimg. Disponível em: < <a href="http://pngimg.com/image/654">http://pngimg.com/image/654</a> >

### c. Interligação feminina

Esse símbolo sozinho sempre foi utilizado como representação do sexo feminino, mas assim com o Labrys, a partir da década de 70 foi apropriado e modificado pela comunidade *sapatão*, sendo duplicado para simbolizar a união entre duas mulheres. Colagem em memória à Marielle Franco. A *Museologia Sapatão* quer ser uma Museologia integrativa com as causas negras, indígenas, feministas. Todas unidas pela emancipação dos nossos corpos e da nossa memória.

Figura 4 – *Interligação Feminina*, obra de fotomontagem da autora.



Fonte: acervo pessoal.

Tabela 4 - Imagens Utilizadas na Composição de *Interligação Feminina*.

Imagem	Fonte
Garotas se beijando	Portifólio online de Tim Samuel, no site Pexels. Disponível em: < <a href="https://www.pexels.com/@tim-samuel">https://www.pexels.com/@tim-samuel</a> >
Buracos de bala	Banco de imagens PNGimg. Disponível em: < <a href="http://pngimg.com/images/weapons/bullet_hole">http://pngimg.com/images/weapons/bullet_hole</a> >
Flor rosa	Banco de imagens WebStockReview. Disponível em: < <a href="https://webstockreview.net/explore/aesthetic-flower-png/">https://webstockreview.net/explore/aesthetic-flower-png/</a> >

#### d. Memória

Um dos elementos mais importantes para a existência da Museologia é a memória. A memória é o que nos ajuda a construir as nossas noções de identidade e pertencimento. Essa colagem traz a memória da mulher *sapatão* que sempre existiu e resistiu em um mundo patriarcal. “na minha época isso não existia”. Existia sim, e estamos aqui para provar.

Figura 13 – *Memória*, obra de fotomontagem da autora.



Fonte: acervo pessoal



Tabela 13 - Imagens Utilizadas na Composição de *Memória*.

Imagem	Fonte
Flor rosa	Banco de imagens WebStockReview. Disponível em: < <a href="https://webstockreview.net/explore/aesthetic-flower-png/">https://webstockreview.net/explore/aesthetic-flower-png/</a> >
Tesouras	Banco de imagens PNGAll. Disponível em: < <a href="http://www.pngall.com/dahlia-png/download/9450">http://www.pngall.com/dahlia-png/download/9450</a> >
Ilustração relógio	Elemento visual disponível no software Canvas.
Casal de mulheres	Site Everyday Feminism. Disponível em: < <a href="https://everydayfeminism.com/2014/12/queer-women-in-history/">https://everydayfeminism.com/2014/12/queer-women-in-history/</a> >

a. Homenagem à todas as mulheres sapatonas, feministas e brasileiras

Para essa colagem eu deixo uma música da composição de uma mulher preta, *sapatão*, goiana, compositora, multi-instrumentista e cantora Erica Ribeiro.

**MARÉ FEMININA**

Eu ando numa maré feminina e  
toda voz que ouço é mulher  
e tudo que eu mais quero na vida é  
ser mulher  
é seeeeeer mulher  
Minha luz minha voz escondida me  
deixa cantar o que eu quiser Eu ando  
numa maré tão feminina  
que me permito ser quem eu quiser Não  
deveria doer  
mas pra ser tem que dar conta tem  
que ter cota  
e tem quem soca e  
tem quem mata  
Marielle morta Ser  
esquecida pra ser  
lembrada  
canonizada  
ou estuprada Poder  
que assusta Josyara  
cura Afrodisíaca  
Afro dizia  
Cuide da sua cabeça  
Cuide da sua cabeça  
Cuide da sua cabeça menina.

Figura 15 – *Homenagem à todas as mulheres sapatonas, feministas e brasileiras*, obra de fotomontagem da autora.



Fonte: acervo pessoal.

Tabela 15 - Imagens Utilizadas na Composição de *Homenagem à todas as mulheres sapatonas, feministas e brasileiras*.

Imagem	Fonte
Rosa marron	Banco de imagens PNGio. Disponível em: < <a href="https://pngio.com/images/png-a1599335.html">https://pngio.com/images/png-a1599335.html</a> >
Casal de mulheres	Site Megacurioso. Disponível em: < <a href="https://www.megacurioso.com.br/estilo-de-vida/105443-amor-lesbico-23-fotos-que-mostram-casais-de-mulheres-ao-longo-dos-anos.htm">https://www.megacurioso.com.br/estilo-de-vida/105443-amor-lesbico-23-fotos-que-mostram-casais-de-mulheres-ao-longo-dos-anos.htm</a> >
Pergaminho e relógio	Elemento visual disponível no software <i>Canvas</i> .

## Considerações finais

O processo de escrita e concretização deste trabalho foi íntimo e extremamente voltado às necessidades que eu compartilho com outras mulheres que caminham comigo nesta vida. O estudo da Museologia me alertou para a importância da memória e de como um processo de musealização pode transformar um olhar sobre si e sobre o outro, gerando identificação, dando suporte e informação para as pessoas.

Ressignificar para existir, musealizar para pertencer — essas duas frases significam este trabalho. Nós mulheres lésbicas passamos a nossa vida resignificando apelidos, xingamentos e objetos que são frutos da lesbofobia e do machismo para afirmação da nossa existência. E a *Museologia Sapatão* tem um enorme poder de nos fazer pertencer à memória da humanidade, à cultura e os espaços dos quais sempre estivemos em um lugar de exclusão, invisibilidade e submissão.

Penso, ao fim, que essa concepção só conseguirá cumprir seu papel e atingir os lugares necessários através de um trabalho colaborativo com outras mulheres *sapatonas*, engajadas e com a mesma vontade, existir e pertencer a todos os lugares que tivermos vontade — pois, mais do que tudo, a *Museologia Sapatão* precisa ser comunitária.

## Referências

AUDEBERT, Ana. O que é Museologia Feminista?. *Revista Memória LGBT*. Goiânia, n. 12, p. 10-16, 2020.

AUDEBERT, Ana; QUEIROZ, Marijara. Museologia - Substantivo Feminino: reflexões sobre Museologia e gênero no Brasil. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*. São Paulo, n.5, p. 61-77, 2017.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Protagonismo LGBT e museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero e à orientação sexual. *Cadernos do CEOM*. Chapecó, 27, v. 41, p. 175-192, 2014.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony; WICHERS, Camila. O que é Museologia LGBT?. *Revista Memórias LGBT*. Goiânia, n. 12, 2020.

BOITA, Tony. *Museologia LGBT: cartografia das memórias LGBTQI+ em acervos, arquivos, patrimônios, monumentos e museus transgressores*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

CASTRO, Thainá; PADILHA, Renata; LADEIA, Mayara. Acervo e Diversidade: em busca de novas metodologias de gestão de acervos. *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa, v. 61, n. 17, p. 67-84, 2021.

ESCOBAR, Geanine Vargas. Por uma Museologia Lésbica Negra. *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa, v. 61, n. 17, p. 7-41, 2021.

GODINHO, Julia. *Mulheres Artistas em Revolução: museologia, feminismo e arte*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

LIMA, Allinny. Museologia Feminista e Direito à Memória. *Revista Memória LGBT*. Goiânia, n. 12, p. 56-59, 2020.

LOBO, Victória. *Museologia Sapatão*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Universidade Federal de Goiás, 2021.

LORDE, Audre. A Transformação do Silêncio em Linguagem e Ação. 1977. Disponível em: < <https://we.riseup.net/heretika+traducoes/tradu%C3%87%C3%83o-a-irm%C3%A3-extrangeira-audre-lorde#a-transforma%C3%A7%C3%A3o-do-sil%C3%A3o-em-linguagem-e-a%C3%A7%C3%A3o> > Acesso em 10 de janeiro de 2021.

WICHERS, Camila. Museologia, Feminismo e Suas Ondas de Renovação. *Museologia e Interdisciplinaridade*. Brasília, v. 7, n. 13, p. 138-154, 2018.